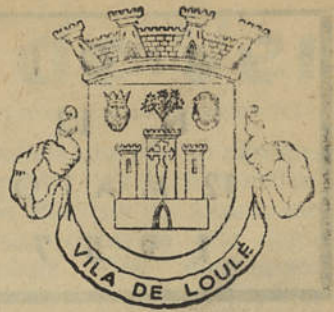


Vencer é mergulhar na circunstância oportuna, no momento oportuno. Os precipitados mergulham quando a onda ainda vem longe; os hesitantes mergulham depois que ela passou.

ANO V — N.º 117
M A I O
12
1 9 5 7

AVENÇA

A Voz do ALGARVE



Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 50-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

O nosso Algarve



O Algarve... As ondas de cor e de perfume que se soltam da sua terra vermelha, das suas ribas aóiradas, dos seus pomares viçosos, do seu oceano de maravilha, são como estrofes dum imenso cântico de louvor à vida e à alegria de viver.

A propósito de arte...

Resposta ao senhor Valdemar Andrade de COIMBRA

Meu Prezado Amigo:

Desculpe o atraso, mas nunca é tarde para se dar resposta. No entanto, não deduzo da minha demora que levei o tempo a estudar a «sua arte» — que nunca conseguí entender.

A «sua arte», como diria o arqueólogo Emanuel Ribeiro: «Uma das coisas que tem contribuído para o espírito leve e leviano de certas classes sociais tem-lhes sido inoculada pela variabilidade da moda. «E mais adiante: «Se fixardes a fachada duma casa e os vossos olhos não encontrarem um lugar de repouso no meio ba-bilónico dos ornamentos, essa fachada é má», porque «A moda

representa o gosto estético duma época, que por sua vez revela o carácter social dessa mesma época». E finalmente: «Para a adição de números decimais, põem-se as unidades debaixo das unidades, as dezenas debaixo das dezenas, etc. A arte obedece ao mesmo princípio aritmético».

A propósito, para o fazer meditar, tal como propõe no seu «é bom que se procure compreender essa arte sobre a qual a todo o momento são lançados violentos anátemas», eu vou contar-lhe uma anedota de André Brun, muito relacionada com a arte moderna. Fixe-a bem:

Havia um moço pintor, com tendências modernistas e ares de entendido (já nesse tempo os Picasso povoavam este mundo de Cristo), que tinha a mania da pintura, sem olhar a «naturezas mortas», «figuras», «ar livre»

(Continuação na 4.ª página)

Apelo aos generosos
corações louletanos

A Cantina Escolar precisa de vós

SABEIS que em Loulé há uma Cantina Escolar?

Creio bem que muitos de vós desconhecem a sua existência.

Eu explico.

Funciona na Escola Feminina n.º 1, da rua Ancha, onde de uma média de 80 crianças, dos 4 escolas da Via, tem o seu almoço diário. Alguns desses inocentes nada mais comem durante o dia, senão o que vão pedir às vossas escadas de serviço. E' quase inacreditável mas é assim! E como podem essas crianças assimilar as lições com o estomago vazio! Como prestar atenção às explicações do mestre, se ela é desviada pelo apetite insatisfeito e exigente? E quão felizes os vossos filhos são que se sentam, atenciosos

(Continuação na 4.ª página)

MANEIRA DE VER

Fomos para ver a Mãe Soberana e vimos-La mas vimos também um povo soberano.

Já tínhamos ouvido falar da escalada da ermida de Nossa Senhora da Piedade, mas qual nada.

Não há palavras, não há tintas, coisa nenhuma, que possa dar uma longínqua idéia do que se passa naquela imensa e dolorosa subida.

Pedro de Freitas tinha razão quando, em número anterior deste jornal, sugeriu a humaníssima idéia de criar

Convite aos paroquianos da freguesia de S. Clemente

A Acção Católica convida todos os Paroquianos da S. Clemente a apresentarem cumprimentos ao sr. Prior da freguesia no dia 19, após a missa das 9,30, por ser o dia escolhido e dedicado ao Bom Pastor.

Por Sebastião Leiria

turnos para os Homens do Andor. O que se lhes pede e o que eles dão, é demais para pobres seres humanos.

Quando presenciámos a alucinante escalada, frente ao sacrifício gigante e penoso, sentimos vontade de chorar. De chorar de dolorosa pena por essa duríssima provação a que se permite sejam submetidos homens, nossos irmãos.

Bocas crispadas de vontade, músculos contraídos num esforço de titã, rostos banhados de suor, congestionados, transfigurados no desejo de vencer luta tão desigual, eis que os Homens do Andor irrompem, a marche-marche, encosta acima apoiados numa falange humana, igualmente electrizada, que os aclama, vitória a Mãe Soberana, dando-lhes o apoio da sua presença, da sua vontade, espantando o desânimo, incitando o moral

(Continuação na 3.ª página)

Associação de Assistência À MENDICIDADE

Não vamos, evidentemente, reviver aqui a escola do elogio mutuo, suscitante da célebre questão coimbrã, iniciada com o opúsculo «Bom senso e bom gosto» de Antero em resposta à carta de Castilho. Não podemos, porém, furtar-nos ao cumprimento de um dever de correcção e delicadeza e, por isso, aqui consignamos os nossos agradecimentos ao ilustre articulista Sr. Luis Sebastião Peres que, no penúltimo número deste semanário, tão amável e elogiosamente se refere à obra que os louletanos por intermédio desta Associação, vêm realizando em favor dos pobres desamparados e da extinção da mendicidade, modo de vida a que se entregam muitos que não necessitam.

Um ponto abordou também Sua Ex.ª, que já temos igualmente aqui debatido. E' o do turismo, que se procura desenvolver no nosso país e nunca será viável enquanto pelas várias localidades se estadeir a mendicidade em bandos ou isoladamente, importunando quem chega com pedinchas arrelietas e lamúrias nem sempre verdadeiras.

Quando todas as localidades fizerem, pelo País fora, o que algumas já fazem, e Loulé tão louvavelmente está também tentando, certamente que

o turismo poderá ser encarado com toda a confiança e seguras probabilidades de êxito,

(Continuação na 3.ª página)

Hino de Sagres

Conquistou o prémio instituído para a respectiva música a compositora

D. Elvira de Freitas

FOI constituído pelos distintos maestros e professores do Conservatório Nacional, srs. Eduardo Pavia de Magalhães, Wenceslau Pinto e Herminio Nascimento, o júri que classificou os trabalhos apresentados ao concurso aberto pela Casa do Algarve para a música de um Hino de Sagres, cuja letra foi oferecida à Direcção da referida colectividade por autor que deseja conservar anónimo.

O prémio «Libânio Correia», de mil escudos, foi atribuído à produção assinada com a legenda «Alcyone», que depois se verificou pertencer à conhecida compositora D. Elvira de Freitas.

A entrega do prémio será feita em sessão cultural e artística em que será executado o Hino.

Corneio de Giro aos Pratos em Loulé

Com o benemerente objectivo de angariar fundos para a Associação de Assistência à Mendicidade de Loulé, decidiram vários atiradores locais promover, no Parque Municipal da nossa vila, um Torneio de Tiro aos Pratos, a realizar no mês de Junho, em dia que oportunamente indicaremos.

O sr. Presidente da República visitou o ALGARVE

DE visita a importantes obras em curso no Alentejo e Algarve, S. Ex.ª o Sr. Presidente da República esteve na nossa provincia no dia 10 do corrente acompanhado do Sr. Ministro das Obras Públicas e outras altas individualidades.

O Sr. General Craveiro Lopes esteve na Barragem de Silves, cujos pormenores de construção e funcionamento lhe mereceram muito interesse.

Filarmónicas locais

DEPOIS de um pe fodo de franca decadência, os dois conjuntos musicais de Loulé, apresentaram-se, nos concertos de domingo e segunda-feira passados, em razoável forma.

No domingo a União Marçal Pacheco executou sob a hábil e comunicativa regência do nosso conterrâneo sr. Mariano Guerreiro Domingues, 1.º Sargente músico da Banda de Infantaria 16, um primoroso programa em que se contavam números da autoria do regente.

Em certos momentos, elevou-se a um nível de verdadeira magnificência, merecendo os justos aplausos que lhe foram tributados.

Na segunda feira, a sua

(Continuação na 3.ª página)

Além de outras localidades Sua Excelência visitou, também, nas proximidades de Lagos, os trabalhos em curso para a construção da barragem e central da Bravura e as obras de aproveitamento dos sapais de Alvor.

Inauguração do monumento ao Poeta Bernardo de Passos em S. Brás de Alportel

Para constituírem a Comissão de Honra que presidirá a esta cerimónia, foi deliberado pela Casa do Algarve, convidar os srs. Dr. Baptista Coelho, Governador Civil do Distrito; Dr. José Correia do Nascimento; Amável de Faria; Dr. Emiliano da Costa e Dr. Mário Lyster Franco.

A Comissão Executiva do Monumento, constituída pelos srs. Dr. Guerreiro Murta, Major Mateus Moreno, Drs. Virgílio Passos e Sousa Carrusca, M. de Móra Fêria e Joaquim António Nunes, agradece, por isso, o envio urgente de todos os donativos já subscritos ou angariados a favor da construção do mesmo e de quaisquer novos contributos com que os amigos e admiradores do Poeta desejarem ainda figurar na lista que deverá ser entregue com o processo e actas da dita Comissão, ao Município de Alportel.

No plinto que sustenta o

(Continuação na 3.ª página)

Serviço de automotoras ALGARVE-LISBOA

Desejamos manifestar o seu regosijo pela efectivação de tão importante melhoramento para a nossa Província, a Direcção da Casa do Algarve deliberou enviar uma representação dos seus corpos gerentes para aguardar no Barreiro, pelas 12 horas, a chegada da 1.ª automotora ida do Algarve, apresentando, seguidamente, com outras entidades, cumprimentos ao Conselho de Administração e à Direcção Geral da C. P..

As 17 horas, a Direcção da Casa do Algarve oferecerá um vinho de honra, na sua sede, a representantes da C. P., do S. N. I., Imprensa e outros convidados.

A Direcção de Saúde impõe normas para o fabrico e venda de gelados

Preenchendo uma lacuna que há muito se fazia sentir, para defesa da saúde pública e em especial da juventude, foram impostas normas sanitárias que regularizam o fabrico e a distribuição de gelados.

E' de esperar portanto que fique assim inteiramente assegurado o aseo, higiene do fabrico e a boa qualidade das substâncias imprescindíveis a um produto que já se consome entre nós em tão vasta escala.

O bem estar público assim o exige.

A Lei reconheceu o... e os fabricantes de gelados [al-

guns...] terão agora forçosamente de aprender que os seus clientes, em troca do dinheiro bom que lhes dão, têm o direito de receber um produto igualmente bom...

Isto é: — «Um gelado», de futuro será uma coisa muito diferente das diferentes mistelas impingidas a tórto e a direito (especialmente às crianças) com o nome de sorvete.

... Teremos «gelados» tão bons que muitos jovens apreciadores que nós conhecemos terão de andar ainda mais vezes «gelados» por causa de tais gelados ..

(Continuação na 3.ª página)

ANO I
N.º 13
12 MAIO
1957



Crítica
... em «PRISMA» se-
rão referenciadas todas
as publicações que nos
forem enviadas...

Notas à margem do tédio...

Toda a poesia me cheira a falso. Sei muito bem onde acabam as palavras e começam as acções. Já não acredito em ninguém. Em nada. Mas habituei-me à presença dela. E é o que me resta.

Triste não estou. Nem alegre. Nem excitada. Estou. Tenho a convicção que os cardos afinal sempre não florescem. Sobretudo os cardos de veredas pisadas pelo pó, pelos carros, pelas patas dos cães. Os cardos são umas flores feias e ásperas. E não devem florescer. Hoje, nem tu, Fernando Namora, com todos os «Fogo na Noite Escura» me farias acreditar no contrário. Quando há um fogo na noite escura, um fogo que é símbolo de luz e beleza... há sempre, logo a seguir, um serviço de bombeiros bem montado que apaga o fogo e vem no outro dia, no jornal da terra, com coroa de herói e meda-lhas de lata na próxima reunião. E estas verdades se eu as digo, sou pessimista. Mas se não as penso e exponho face a mim própria, sou estúpida. E entre a estupidez e o pessimismo prefiro ir dormir e sonhar com fantasmas.

Bem sei que há homens com fome, crianças sem brinquedos e mulheres que se vendem por amor ou por meia dúzia de moedas, tanto faz. E há homens que as compram e depois do negócio ficam felizes e orgulhosos como se tivessem adquirido o mundo (e o mundo vale alguma coisa?) ou dado mais um passo aproveitável no caminho da Eternidade.

Bem sei que a existência é uma miséria e para lá das fronteiras distantes os soldados tombam, insistindo em chamar suas às terras serenas, como se a terra fosse de alguém em especial e Jesus não tivesse morrido faz agora uma data de anos para defender em sangue e espinhos o seu apelo de fraternidade.

Bem sei que ficamos de braços cruzados quando vemos os outros aflitos e todo o inverno uma velha dormiu no corredor de uma casa abandonada apenas coberta com um bocado de saca. Bem sei que no jornal diário do sítio em questão se fez um apelo às autoridades respectivas para este espectáculo de fome e frio mas as autoridades são pessoas muito importantes e as pessoas importantes não leem os diários da terra porque estes não valem nada e junto com os resultados da bola trazem os crimes dos desempregados e a miséria literária dos que, à falta de melhor, fazem versos, coitados!

Bem sei! Bem sei! Bem sei! E precisamente porque sei e todos nós sabemos é que apenas continuarei falando de malmequeres, de ervas verdes, de rosas vermelhas, de asas de pássaros, de vento, de sol, de saudades, de ternura, e de outras coisas inúteis e supérfluas que — mal presentia Deus ao criá-las! — só existem na terra para serem pisadas, derrubadas, destruídas.

Por isso aqui te digo, solidão: aqui te digo, que preferia ver encharcados em vermes e estrumes todos os que esquecem do respeito que merece uma vida (e nisto sei também que estou sendo egoísta!) do que ver murchar uma flor sobre os seus túmulos.

Sei, sei que há fome, lágrimas, desespero, solidão e orgulho—por isso amo tudo o que é perfume e cor e sons. Por isso prefiro a Primavera, a banda no jardim e o roxo das olaias que me ensinaste. E que assim eu tenho a certeza de que nem a esperança embora lenta embora pouco estéril de promessas amanece para lá do grande naufrágio de incoerências e misérias de toda a espécie em que naufragamos. Eu sei! Eu sei! Mas prefiro sempre ignorar.

Maria Rosa Colaço

Impossível petição

Pedir a uma criança que não brinque
é o mesmo que dizer ao sol que pare,
ou à água que não corra,
à estrela que não brilhe,
ou ao pássaro que não cante!

Dizer a uma criança que não brinque
— é o mesmo que pedir à Vida que pereça!

A. Vicente Campinas

HARLEM

Ebano de espírito negro
envolto em bolhas de claridade!
A alvura da pele perde-se na palma da mão
e as civilizações vêm razas
desde a antiguidade

La calle 116
San Nicolás
Quinta e sétima avenida
são negras como «las riberas de Harlem»
são negras como o negro que vem do fundo da noite...

Saudades a borbulhar no peito!...

Canções negras
tão quentes e perfumadas
como quente é o ritmo negro
dos bailes populares de gitanos

Savoy
negro magnetismo
de almas desprendidas!
Porque ofereces a tua mão abandonada?
Será porque pairam sobre ti
os 3 KK do Alabama
ou porque do teu peito
sai desprendida uma vontade
loucura de abandonos
rítmos de crenças
jogadas nas danças invertidas?

Bairro de alma negra inquieta!
A tua voz vem do fundo da noite

e o negro salta
pula na dança quebrada
Harlem é o teu corpo
a alma negra é a tua vida.

ressentida

COSTA MENDES

DESEJO



Um vago amor suspenso dos lábios abertos, enlurados, e uns olhos líquidos e cinzentos
Na tarde macia,
dou-me todo inteiro, ao desejo.
Nada vejo
senão aquela carne, cor de ambar,
na sinfonia verde do vestido.
Na transparência do vento morno
durmo o meu sono
de adolescente.
A tarde esvai-se, num instante,
e eu fico ainda mais só
no meu parapeito de neve.

Carlos Alberto Jordão

Impressões... ...de teatro

«PRÉMIO NOBEL»

Um Grupo de Amadores de Faro, apresentou-nos a peça «Prémio Nobel». Peça difícil, dentro e fora do palco, nomeadamente para a «grande maioria do público», ainda deficientemente preparado para espectáculos desta ordem.

Pode afirmar-se que a representação de «Prémio Nobel» constituiu um êxito. Êxito relativo, não de excepção, portanto. Ou melhor, excepcional ou não, conforme o lugar onde colocarmos esta iniciativa. Sublinho: *excepcional* se apenas pretendemos o *trabalho de amadores*; num nível relativo, bem suficiente, se equiparmos esta representação à do Teatro D. Maria, por exemplo.

Não me referirei particularmente a ninguém. Não só porque há várias maneiras de *andar bem*, mas ainda porque o Teatro é uma Arte que se desdobra (numa criação de conjunto — várias criações individuais), e os comentários sobre o trabalho de cada um dos intérpretes de «Prémio Nobel», neste caso, pouco adiantariam.

Acrescentarei que «Prémio Nobel» afirmou-nos que é possível fazer-se Teatro (a sério) no Algarve. Que vale a pena, que se deve, continuar. Porque dói bastante, muitíssimo, esquecer as possibilidades quando estas existem, francamente

...de música

CONCERTO PELO PIANISTA DANIEL ERICOURT

No Salão Nobre da Câmara Municipal de Faro o Círculo Cultural do Algarve apresentou-nos o pianista norte-americano Daniel Ericourt.

O público acorreu e aplaudiu em profusão. Prova do interesse crescente por estas coisas.

Excelente recital. Mesmo para os leigos em música. A arte dos sons é realmente magnífica — é mesmo a Arte mais pura, mais igual a si, mais Arte, portanto.

Daniel Ericourt executou trechos de vários compositores; encheu o salão de música, muita e bela música, imensamente bela, dominante.

Liszt, Schubert, Beethoven, Chopin, Mac Dowell, Debussy, Ravel — Ericourt, Prokofieff, Manuel Falla, foram arrancados nervosamente, perfeitamente, pelo grande virtuose que é Daniel Ericourt.

«Appassionata» de Beethoven, «Noturno» de Chopin, o trecho de Liszt, a música de Debussy (com o qual, Daniel Ericourt conviveu), e a «Dança do Fogo» de Manuel Falla, atingiram na nossa opinião, os momentos mais elevados deste excelente recital.

Magnífica experiência musical, quase fruto proibido... apetecem mais frutos proibidos num futuro desejado próximo...

...de leitura

DIÁRIO ÍNTIMO DE MANUEL LARANJEIRA

Incomparável documento humano, este Diário Íntimo dum homem que viveu plenamente consciente da sua tragédia — da tragédia humana. Manuel Laranjeira não tenta, não quer explicar nada. A vida aí está, infinitamente ordinária, a dizer-nos tudo, a desflar-nos perante os olhos um mundo de maldade, um mundo necessariamente errado.

Impossível o refúgio, a fuga à realidade. Nem o amor, ou a ilusão do amor, — o amor é a ilusão mais mentirosa de quantas existem na fantasia dos homens — lhe facultou a paz desejada, essa paz desejada há milénios, e há milénios desencontrada do quotidiano dos homens.

Manuel Laranjeira é o homem — totalmente — só, o homem que sofre da horrível desgraça de quem olha para a vida e sente que já não pode ser enganado, esse homem eternamente triste, consciente, que vem construindo o mundo com o seu drama imenso. O homem que duvida... Há quem nasça para ter fé, só fé, e há quem nasça para duvidar... Eu, por exemplo...

Artista-Filósofo, mais filósofo do que artista, porém. Insatisfeito. Tremendamente só. ...de que substância misteriosa será feita a — felicidade? A felicidade, a felicidade existe apenas para os que crêem nela, para os que a descobrem onde apenas existem alhos ou bugalhos...

Laranjeira não crê nos amigos. Pessimismo? Inconformismo? Apenas a realidade — a realidade de Manuel Laranjeira.

...se eu tivesse uma voz forte que se ouvisse longe como a de Jesus eu hoje iria pelo mundo missionando:

— Homens, desprezai-vos uns aos outros.

Laranjeira é o filósofo — homem, desorientado, impotente, onde apenas o tédio e a desilusão reinam. Sempre buscando ilusões — que fogem sempre — que não o invadem como desejava...

O DRAMA DE UM MILHAO DE HOMENS, AFINAL...

CASIMIRO DE BRITO

Publicações recebidas

AS ESMOLAS DO MENDIGO—versos—Eduardo Olímpio (nosso colaborador).
EMILIANO DA COSTA—História do reconhecimento do seu valor como Poeta—por Dr. Elviro Rocha Gomes.
CONTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES—coligidos por Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira.
PRESENÇA — revista de cultura.
GAZETA LITERÁRIA—Órgão da Associação dos Jornalistas e Homens de letras do Porto.

TEATRO BRASILEIRO em Portugal

Por Angélico Guerreiro Salgadinho

O Porto viu agora teatro brasileiro: no *Sá da Bandeira*, a peça de Abílio Pereira de Almeida *Moral em Concordata* e, no *Teatro Experimental do Porto*, a comédia *Um deus dormiu lá em casa*, de Guilherme de Figueiredo; e concerteza não voltaremos, tão cedo, a ter, ao mesmo tempo, um original brasileiro interpretado por um agrupamento português e outro por um agrupamento brasileiro. Oportunidade talvez única, portanto, para se estabelecer um paralelo de certo interesse.

Dois êxitos. *Moral em Concordata* já em Lisboa, ao que li, conquistava as simpatias do público. Sendo duas peças tão diferentes, em qualidade, poderei perguntar porquê? *Moral em Concordata*, do ponto de vista teatral, quero dizer: como obra de arte, que é o que interessa essencialmente, é uma peça assucata. Tal e qual: assucata. Mas foi um êxito! Pois foi. Mas há razões, há razões.

A primeira é o *gosto* a brasileiro, que envolve, cativa, ilude quem lá vai; a segunda é a excelente realização cénica, com primorosa interpretação de todos os actores; e haverá outras de que nem o público, nem a crítica, nem às vezes ninguém se apercebe, ou mal se apercebe, mas que não deixam de ser poderosas embora obscuras.

A peça conta a história duma prostituta (a «hamada *Vigarista*»), saracoteadora de cabaret, que vive de explorar com o belo corpo que tem a sede de amor comprado dos potentados da alta finança, ao mesmo tempo que ampara a família: uma irmã moira de trabalho no amanho da casa, dos filhos, do marido. Este caso, que poderia ser o de uma alma completa, rica, torturada, não é nada; é de uma chateza, de uma levandade que enristecem. Aquela mulher não tem nenhum problema, nenhuma aflicção, vive feliz; ganha dinheiro alugando o corpo e ajudando a irmã com o à-vontade e a tranquilidade de quem vive do rendimento de papéis de crédito. Mas o cunhado, que é empregado do seu último amante, vê o ordenado melhorado, começa a perder as estribeiras e acaba por abandonar a mulher, levando-lhe os filhos. Chamam a irmã, que anda no laureio, para acudir à desgraça, ela vem, leva a *desgraçada* consigo e entramos no acto final. Esse mostra-nos uma sala da casa da belidade, posta e mantida pelo amante, onde este e os amigos vão fazer umas farras e onde as duas manas vivem agora, satisfeitas da vida, com uma criada para limpar o ranho aos meninos, já recuperados, para a mamã não ter que sujar os dedos. Nisto, a dita mamã entra na dita sala, acompa-nhada dum respeitável comendador, pulha tão refinado como os que já lá estão. A mana escandaliza-se, acha que a outra deve manter-se honesta, insulta o comendador e este acaba por sair convidando a feia que se fizera bonita a ir viver amantizada com ele. Ela aceita e abalam. Mas, passados dois minutos, a moça reentra, arrependida, por ter reconhecido que não nascera para *vigarista*, sim para costureira. A irmã *vigarista* rejubila e o amante reconhece que tem ali uma rica alma, além dum rico corpo, e resolve pedi-la em casamento. E a peça acaba.

Se não fosse, repito, a óptima interpretação, aliás facilitada pela pouca ou nenhuma complexidade das personagens, o *gosto* a brasileiro (o calão cerrado, o ambiente, o ritmo, as próprias personagens, — tudo cria como que um estado de *suspense* no espectador) e ainda alguns truques de quem não se esquece de que à entrada há um cubículo onde se vendem os bilhetes (como as cenas em que Maria Delli Costa exhibe as excelências físicas, especialmente ao calçar, puxando e repuxando umas finas meias), se não fosse isto dizia, a peça seria um fracasso, embora tenhamos de reconhecer que o autor, revelando poder de observação, nos desenhou, em boas pinceladas, o meio pobre e o meio endinheirado e que, dizem, o original sofreu modificações para ser representado em Portugal. Mas sobre isto, só poderemos dizer que apreciámos o que vimos, não o que devíamos ter visto. Do que se não viu, que diga quem quiser o que quiser.

A outra peça brasileira — é outra coisa, a começar pelo título, felicíssimo. Tem só quatro personagens: Anfítrio, general do exército do rei Creonte; sua mulher, Alameda, bela como a digna mulher dum general daquele tempo; Sósia, escravo e Tessala, escrava, ambos servidores do casal. Anfítrio tem que ir comandar as tropas numa batalha em defesa do trono de Creonte, mas é terrivelmente ciumento e custa-lhe os olhos da cara ter de deixar a mulher sózinha, de noite, sujeito às arremetidas amorosas de todo o janota (até do próprio Creonte, sabe-se lá) que fique na rectaguarda enquanto ele e os desgraçados dos soldados têm que andar de «spada nas unhas a furar barrigas aos teleboanas duma figa; quando não a tentarem pôr no sítio as próprias tripas. Ainda por cima, o cego Tirésias andava a apregoar que em sua casa haveria de dormir um homem enquanto ele estivesse na batalha. E coisa que o raio do cego dissesse — eram favas contadas. Antes de partir para a luta, consegue que Tessala lhe prometa que defenderá a patroa de todo e qualquer atrevido nem que seja com o próprio corpo. Mas isto não chega para o tranquilizar e, puxa que puxa ideias, acaba por combinar com Sósia abandonarem a batalha à socapa e virem os dois, ele disfarçado de Júpiter, Sósia de Mercúrio, defender ele a mulher e defender-se a si próprio de ser o que os maridos não querem ser, enquanto Sósia lá se arranjara com Tessala como puder.

E aí temos, no segundo acto Júpiter e Mercúrio que se dignaram descer ao lar dum misero general, para lhe darem a honra de lhe amarem a mulher e a escrava como só os deuses sabem amar: com a força e o calor de que nem sempre os homens são capazes. Alameda era profunda e sinceramente crente, mas viu logo a trapalhice do marido, prestando-se todavia ao jogo de seduzir um deus, em que acabou por confundir e rendê-lo. Tessala, menos subtil, armou um escarceu dos diabos, berrando a torto e a direito que não acreditava em deuses, que os deuses, para os escravos, não adiantavam nem atrasavam, pois continuavam escravos, que aqueles eram Sósia e Anfítrio e que a ela não lhe punham as papas na cabeça, que não deixava. Mas acabou por ser dominada e calar o bico e amar Mercúrio como amara Sósia, que amava. O pior foi no outro dia de manhã. Anfítrio e Sósia saíram a tempo de ir assistir à vitória dos seus soldados, passando Anfítrio por grande, triunfador aos olhos de Creonte. Mas o povo é que soube, por ter sido espalhado pelos guardas que ouviram rumor, que a profecia de Tirésias se cumprira. E aí vêm os tebanos, furiosos, em direcção à casa do general apostrofando a conduta da adúltera Alameda que não tivera pejo em enganar o generoso Anfítrio que, mais uma vez, arriscava a vida para defender a cidade de Tebas e o seu povo. E o pobre general vê-se perante este dilema: ou deixa condenar a mulher que, afinal, dormira com ele, seu legítimo marido, ou condena-se a si próprio como cobarde relapso que abandonava no campo de batalha os seus soldados. Alameda, aflita, e para salvar o marido, começa a confessar à multidão ululante que de facto o enganava, mas Anfítrio tem uma ideia genial: faz calar a mulher, converte-se de repente à crença nos deuses e declara que na verdade sabe que alguém, que não ele, passou a noite em sua casa, mas que isso só o honra, a ele Anfítrio, e a todos os tebanos, visto que esse alguém foi, nem mais nem menos, que o próprio Júpiter que assim quis acrescentar mais glória à glória da gloriosa Tebas.

A encenação e interpretação, como todas da companhia do Teatro Experimental do Porto, foram magníficas. Como magnífico foi ver, quem lá foi, que os deuses, se os homens os criaram, não foi em vão que os criaram.

A correspondência para esta página
deve ser enviada a)

CASIMIRO DE BRITO

) F A R O

Postais de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

rias e oficiais, deputações das colectividades recreativas, centenas de «aficionados» tauro-máquicos com seus estandartes, uma imensa mole de gente, tudo do que mais representativo tem a Moita do Ribatejo, ali estava, em franco sorriso hospitaleiro, a receber, o dinâmico e brilhante jornalista que, no seu periódico, tem feito a política da Moita: «o Bem Comum do povo Moitense».

Um grandioso programa constituía a festa de «FESTA».

Desde a recepção na Câmara Municipal, com a celebração da Santa Missa e sermão, na Igreja Matriz até ao belo e emocionante Festival Taurino, e ao Imponente Espectáculo no novo Salão de Festas da Sociedade Capricho Moitense que, em ante-estreia, se representou «Portugal Mais Alegre», Revista Fantasia, da autoria do nosso camarada Gentil Marques, foi, de facto, um delicioso dia de inteira e plena festa de «FESTA».

Pela muita consideração que a Imprensa Algarvia lhe merece, num gesto de cativante gentileza que muito nos sensibilizou, fez chegar até nós um convite para tão inolvidável festa de confraternização do jornalismo.

Aqui deixamos consignados os nossos vivos agradecimentos, desejando a tão querido camarada e amigo e a sua esposa D. Maria Marques, longa vida, para prosseguirem na senda a que se lançaram, a fim de fazerem do seu «FESTA», um Grande Jornal de Portugal.

Luís Sebastião Peres

Ecos do AMEIXIAL

Faleceu no dia 4 do corrente, na sua casa de residência, nesta localidade com 50 anos de idade, o sr. João Maria Pereira, casado, industrial de sapataria e que era Presidente da Junta desta freguesia, cargo que vinha desempenhando desde 1946.

O extinto gozava de gerais simpatias, sendo muito estimado por todos que com ele privavam.

Era natural da Luz de Tavira, filho do sr. João Pereira, e da sr. D. Adalina Rosa Correia, e era casado com a sr.ª D. Maria da Palma Teixeira, e pai do sr. João Arnaldo da Palma Pereira, Guarda-fios, da sr.ª D. Domicília da Palma Pereira, da menina Maria Georgete da Palma Pereira, e do menino Fernando Manuel da Palma Pereira, estudante no seminário em Faro.

O seu funeral realizou-se, para o cemitério local, incorporando-se elevado número de pessoas, não só desta localidade, como de todos os montes da freguesia, de Loulé, e da vizinha freguesia de Talia, constituindo uma verdadeira e sentida manifestação de pesar.

A toda a família enlutada, apresentamos a expressão, mais sentida do nosso pesar.

Augusto A. Teixeira

VENDEM-SE 4 máquinas Singer

1 de tipo correiro.
3 de tipo sapateiro, sendo 1 de braço.
1 cilíndrica, e outra tipo alfaite.

1 Balança A Pessoa.
Tratar com João Martins Rodrigues — Loulé.

AVISO

(Continuação da 4.ª página)

B] — Ao abrigo do n.º 4.º do art.º 5.º do decreto lei n.º 39.209, de 14 de Maio de 1953 as deslocações de ovinos ficam sujeitas a partir de 15 de Maio próximo ao seguinte regime de trânsito:

1.º — E' proibido o trânsito dos ovinos que não tenham sido previamente vacinados este ano contra a «Lingua Azul»:

a) — Exceptua-se desta determinação os borregos com idade não superior a 6 meses que tenham o destino directo dos matadouros, e provenham dos rebanhos vacinados em 1957;

2.º — Para efeitos de mudança de pastagens, acesso aos mercados e feiras e outras deslocações é obrigatório fazer acompanhar os ovinos do respectivo boletim de vacinação, o qual servirá de guia de trânsito;

3.º — Os borregos nas condições da alínea a) do n.º 1., provenientes de rebanhos vacinados e que se destinem directamente aos matadouros, deverão ser sempre acompanhados duma declaração do proprietário ou comprador, conforme os casos, preenchida em impressos (modelo 88/S) a fornecer gratuitamente pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, e que se encontra em poder de todas as Intendências de Pecuária, Veterinários Municipais e Grémios da Lavcura;

4.º — O trânsito de ovinos adultos, vacinados, dos locais de compra, das feiras e mercados para outro destino, obriga ao preenchimento de declaração referida no n.º 3.º por parte do comprador.

Esta declaração será entregue, finda a deslocação:

a) — Aos directores dos matadouros quando os animais se destinem ao abate para consumo;

b) — A's Intendências de Pecuária ou Veterinários Municipais quando os animais se destinam a continuar a ser mantidos em exploração. Neste último caso as Intendências de Pecuária fornecerão aos interessados, documento feito por extracto dos boletins de vacinação para legalizar a nova situação do rebanho. Este documento é exigido para ulteriores deslocações dos animais, substituindo, para efeito de trânsito, o boletim de vacinação.

5.º — Os transgressores às normas referidas serão punidos pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários nos termos do decreto Lei n.º 39.209, sem prejuizo doutras penas previstas na Lei.

C] — A partir de 1 de Maio cessará o fornecimento gratuito da vacina contra a febre catarral dos ovinos (Lingua Azul).

Filarmónicas locais

(Continuação da 1.ª página)

congéneres «Artistas de Minerva» foi também apreciada no concerto sob a direcção do seu chefe, o também nosso conterrâneo Virgílio Joaquim S. Pires.

Concluimos uma vez mais ser notável a intuição musical dos louletanos, pois com meia dúzia de ensaios a sério e sob a direcção de conscienciosos regentes os dois agrupamentos, embora desfulcados de executantes, conseguiram proporcionar bons e agradáveis momentos de recreação musical.

E' indispensável que não esmoreçam de esforços e que possam corresponder à ajuda que o município lhes tem dispensado, preparando-se convenientemente para, no verão que se aproxima, poderem dar-nos alguns concertos no coreto da Avenida, à altura das tradições musicais da nossa terra.

VENDE-SE

Uma courela de terra de barrocal, com alfarrobeiras, no sítio de Morgado de Salir.

Uma courela de terra de semear com azinheiras, figueiras e amendoeiras, no sítio de Pé da Serra (Salir).

Tratar com Jaime de Sousa Calado—Loulé.

A «Voz de Loulé»—Loulé
N.º 117—21-4-1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANUNCIO

(1.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Loulé, 2.ª secção, nos autos de acção summarissima em execução de sentença que A Sociedade de Mercarias do Sul, Ld.ª move contra José Inácio da Silva Bento, casado, comerciante, residente no sítio das Hortas, freguesia e comarca de Vila Real de Santo António, correm editos de 20 dias, a contar da segunda e última publicação deste anuncio, citando os credores desconhecidos, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, virem à dita execução deduzir os seus direitos.

Loulé, 1 de Maio de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

a) Marino Barbosa Vicente
Júnior

Assistência à Mendicidade

(Continuação da 1.ª página)

visto que terá desaparecido um dos seus principais obstáculos, que é a pedincha maçadora e quisilenta por toda a parte em que se apresente qualquer turista, qualquer visitante desejoso de apreciar os encantos das nossas paisagens, das nossas praias e do nosso clima.

Sem a extinção dessa maçadoria, nada feito.

Em sequência do que sempre aqui se tem dito, consideramos sumamente censurável que algumas pessoas que, certamente, em público têm manifestado o seu agrado por se ter conseguido acabar com a mendicidade pelas portas e ruas da vila, vão, não obstante, fomentar, lamentavelmente, essa mendicidade às portas das igrejas. Será mais bonita aí a mendicidade, será mais digno de contemplação o ajuntamento de mendigos andrajosos e sujos às portas dos vários templos da vila, visto que eles, para armarem à caridade, não primam por se apresentar limpos ou aseados?

Essas pessoas, muito seraficamente, dão a sua esmola insignificante e justificam-se dizendo que, com pouco de um lado, pouco de outro, os pobres arranjam o suficiente. O suficiente para quê, se a Associação procura socorrer los no necessário?

Nesse caso fomenta-se a mendicidade e destroi-se o que vem a fazer-se há tanto tempo, com sacrificio e boa vontade de todos.

São geralmente as viúvas ainda desejosas de novamente contraírem os doces laços do matrimónio, ou as solteironas ainda pretendentes a darem o sagrado nó, que dão essas esmolas às portas dos templos, para que se torne público que são caridosas e boas e assim possam alcançar o almejado marido.

Só por isso, porque se fossem realmente caridosas e benfazejas, com sincero amor pelos pobresinhos, não os envorçariam publicamente com as ridicularias que lhes dão, antes as lançariam nas caixas das várias invocações existentes no interior desses templos, que teriam assim, recatadamente, o devido destino, sem ofender a pobreza, como devidamente ensina a moral cristã, dando com uma das mãos sem que a outra o saiba.

Esperamos que tais pessoas reconsiderem e vejam quão censurável é a sua atitude para com os mesmos pobresinhos que caridosamente deveriam ajudar.

E' que a caridade nasce do coração e não se compadece com a vaidade espantosa de certas atitudes.

A Comissão

Maneira de Ver

(Continuação da 1.ª página)

a dar ao próprio físico o vigor que humanamente não é possível.

Os homens e os gritos vencem finalmente a imensa ladeira, acompanhados pelos restos duma numerosa banda de música que pôde aguentar a arrancada.

A torrente subiu.

Contrariando todas as leis da física, esta é talvez a única torrente que sobe encostas, a única avalanche que — com que dispêndio de vitalidade! — rola para cima.

Somos por natureza tradicionalistas. Entendemos que a tradição é a história do povo e que, quebrando a sequência monótona dos dias, ela é como que uma sequência de mastros marchetados de cor, perfume e poesia, a assinalar as horas de alegria e de festa ou de saudade e de mágoa, que de tudo isso se compõe a vida da alma humana.

Mas, se somos tradicionalistas ardorosos, se amamos as coisas do povo, amamos bem mais o próprio povo; nele a Humanidade.

Por este amor nos chocamos frente à ingente escadada, por este amor sentimos vontade de chorar.

E será tão violento desgaste físico um acto de fé ou antes uma prova de resistência, de pura força?

Acreditamos que a fé anda mesclada com a tenacidade desses gigantes que sobem com o andar, mas eles sabem também que estão postos em si muitos e muitos milhares de olhos que os seguem da ladeira, da estrada, de sobre todos os valados a perder de vista, para ver se fraquejam, se o andar sobe sem desfalecimento de andamento, enfim, se são capazes de cumprir, a seu gosto, tarefa tão inhumana.

Alguns daqueles milhares de olhos, de quem os gigantes cobram depois justo tributo de admiração e os semi-divinizam como Homens do Andor, vão ali de todos os pontos do Algarve para não perder espectáculo da escadada.

Não estará isto contribuindo para uma mistificação da fé?

Estes bons Homens do Andor, com a sua boa fé mas principalmente com a sua demonstração de força e valentia, não estarão ajudando a transformar uma demonstração pública de fé num espectáculo profano, mórbido, que interessa já a toda a província?

É o acto pio ou o feito hercúleo que atrai a multidão?

Se é o acto de força, mal para a nossa fé; se o pio, não compreendemos essa

piedade que não só não quer repartir por si o sacrificio dos Homens do Andor, mas ainda consente que sejam apenas eles, deshumanamente, a dispendir tão mortal esforço.

Isto é diferente de amor ao próximo.

Nem jámais a piedade se pode coadunar com a função de pano de fundo para demonstrações de força que não seja a força do espírito.

A piedade tão somente erge heróis morais.

Jesus, que podia levantar montanhas com o seu poder, nunca o fez para chamar alguém à fé. Ele, Senhor Deus dos Exércitos, veio e venceu-nos a todos com a Sua humildade, a Sua palavra nova mas simples e, por espada, o Seu exemplo que rasgou a noite dos tempos e tudo encheu de luz.

Pedro de Freitas tem razão, quanto a nós.

A sua sugestão dos turnos não permitirá mais aquele esforço deshumano, devastador, nem que a sombra da fé se divinize a força dos Homens do Andor, como sucede. Isso é pagão.

Deveriam, realmente, organizar-se turnos, muitos turnos, tantos quantos os corações que desejassem demonstrar a sua fé, levando, embora a curto trecho, o andar de Nossa Senhora da Piedade.

Poderá a procissão perder um elevado número de assistentes de doentia curiosidade, mas o acto pio ganhará muito em sinceridade e em fé.

Enfim, maneiras de ver.

Monumento a Bernardo de Passos

(Continuação da 1.ª página)

busto será gravada a seguinte legenda:

Ao Poeta / Bernardo de Passos / Homenagem / dos / seus amigos / e / admiradores / 15 - 9 - 1957;

e na placa lateral esta formosa quadra do Poeta em que se procurou apresentar o verdadeiro retrato da sua alma de patriota e de regionalista sincero:

Eu amo o meu País, embora sobre a terra
Em cada homem veja apenas um irmão.
Nós somos como a esteva ou a urze da serra
Que floresce bem só no seu dorido chão...

[1876 - 1930]

Bernardo de Passos

tar. O dia que se seguiu ainda foi mais doloroso; porque cada tentativa para levar a cabo aquela obra para gigantes, trazia consigo a canseira de novos braços que estalavam debaixo daquele labor esfaufante, e ainda nenhuma faia lá estava em cima, nem nenhuma quarta árvore tinha saído da floresta.

O von Stoffeln regongou e praguejou; quando mais ele ralhava e praguejava tanto maior se tornava o brilho da má estrela e tanto mais casmurros os animais.

Os outros cavaleiros riam e escarneciam, e achavam imensa graça ao estrobuchar dos miseráveis e á cólera do castelão. Tinham-se rido desdenhosamente da construção daquele castelo sobre um fraguado escavado, e mais se riam agora por von Stoffeln jurar que no prazo de um mês haveria ali uma linda álea coberta de folhagem. Por ver aquele insucesso e que ele praguejava e bramava e quanto mais se enfurecia, mais os cavaleiros se riam, e o chorar era só para os que trabalhavam.

O desánimo apoderava-se daquela turba-multa afadigada, não tinham já carro que não tivesse qualquer peça partida ou junta de bois que não estivesse maguada, e em dois dias não tinham conseguido passar do mesmo sítio, e todas as forças estavam exauridas.

Fez-se noite, subiram nuvens negras no céu e relampejou pela primeira vez este ano. Aquela gente tinha-se pôsto a caminho e chegou, sem o saber, aquela dobra da estrada onde tinha chorado três dias antes. Já lá estava o lavrador de Kombach com dois criados e mais gente ao pé dele. Já era tempo de deixar em paz aquelas faias vindas de Sumiswald, de pensar á sua vontade, de dar descanso aos seus membros doridos e exaustos.

Silvando como vento canalizado, surgiu uma mulher com um cesto á cabeça. Era Cristina, a única mulher que não chorava, a companheira do lavrador de Kombach, com o qual se juntara, quando um dia foi adstrito ao campo pelo seu senhor. Era uma mulher de armas, daquelas que se não contentam apenas com as ocupações domésticas, nem sentem só bem no remanso do lar, cuidando dos filhos. Cristina queria saber o que se passava, e onde ela não dava o seu parecer, as coisas corriam mal, dizia ela.

Ela própria pôs os pés ao caminho e energicamente pôs sobre a cabeça o cesto pesado da comida; procurou por longo tempo o bando miserável e como tardou em o encontrar, as suas recriminações azedas não cessaram, quando veio a dar com eles; mas os seus nervos não lhe permitiam estar quieta e, ao mesmo tempo que barafustava, trabalhava. Pôs o cesto, destapou a panela com papas de aveia, apresentou pão e queijo, espetou em frente do homem e dos

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 13

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

criados uma colher nas papas, e mandou também comer aqueles que o não tinham. Depois perguntou pelo trabalho e o que se tinha feito naqueles dias. Mas fome e palavras tinham-se escoado dos homens e nenhum pegava na colher nem dava resposta. Só um criado leviano, para o qual era indiferente que chovesse ou fizesse sol, contanto que o ano passasse e a paga viesse e houvesse comida na mesa a cada refeição, é que pegou na colher e informou a altiva mulher, que ainda não estava nenhuma faia plantada e tudo se passava, como se elas estivessem embruxadas.

Cristina, em berros entrecortados de gestos irados, disse que tudo aquilo eram ladainhas e que os do sexo forte não passavam de amas secas; não era com ladainhas e com choros e tudo a agachar-se e a uivar, que se haviam de pôr as faias em «Barhegen».

Era preciso simplesmente tratar dos direitos em que foram lesados, desde que os cavaleiros tomaram conta do domínio, como reis absolutos. E por amor das mulheres e dos filhos, o assunto tinha de resolver-se doutra maneira. Mas neste ponto da sua arenga, sentiu de súbito sobre o ombro uma comprida mão negra e ao seu ouvido chegou o som duma voz de falsete que dizia:

«Sim, tu és a única que tem razão!» E no meio deles aparecia agora, esgarçando no rosto negro uns lábios com um sorriso satânico, e fazendo baloiçar galatamente sobre a cabeça a pena vermelhusca, o caçador. Os cabelos dos homens eriçaram-se de terror, tudo foi disperso como da outra vez, e na vertente do monte só se via a poelrada que eles deixaram, semelhante a um redomoinho que o vento levantasse.

Só Cristina não pôde fugir, e foi desta forma que ficou sabendo como se consegue ver o diabo em carne e osso, tal qual como o pintam nos painéis. Ficou como que presa ao chão a ver a pena flame-

jante do barrete e a barbicha arruivada, brêgeiramente a dar a dar, naquele rosto da côr do carvão.

Um riso estridul e cortante como uma lâmina afiada enterrava-se nas costas dos fugitivos; depois olhou brêgeiramente Cristina, pegou-lhe docemente na mão, e ela tentou retirá-la mas não pôde, porque a encontrou tão comprimida como se a tivesse entre tenazes esbraseadas.

O caçador deslumbra-se com palavras enlevantes, ao mesmo tempo que a sua péra vermelha ondulava para cima e para baixo, como o rabito de certas aves. «Es uma guapa senhorita, como eu nunca vi na minha vida», dizia ele, «e o meu coração ri dentro do meu peito; agrada-me muito que sejas tão corajosa e admiro-me ainda mais que ficassem, quando os homens deram ás de «vila Diogo». E conforme ele ia falando, menos medonho ia parecendo a Cristina. «Está a parecer-me que ele é tratável», pensava ela, «e não vejo motivo para bater com os calcanhares no rabo. Já tenho visto bichos mais ferozes! Sabendo-o levar com geito, talvez ele fizesse qualquer ajuda; ou quem sabe talvez seja um papalvo tão fácil de enganar como os outros homens!» «Eu não chego a perceber», dizia o personagem negro, «porque é que os homens tanto medo tem de mim, quando afinal eu sou um bem intencionado; mas se continuam assim, tão grosseiros, ninguém tem nada que se admirar, se eu nem sempre fizer ás pessoas aquilo de que elas gostam».

Cristina, retomando as suas pimponices, respondeu que tudo fugiu aterrorizado porque ele exigiu uma paga tão horrorosa. Por que razão exigia ele uma criança por baptisar?

Isto pareceu muito suspeito a todos, porque afinal uma criança é um ser humano, e entregar assim por suas próprias mãos um inocentinho, era coisa que nenhum cristão faria. «Oh! mas isso é a minha paga», casquinhou ele entre as suas satânicas gargalhadas. «Pois essa paga, não quero outras; e não me parece bem que façam questão por causa duma criança nestas condições e que ninguém conhece. Assim novinhas, é quando custam menos a entregar; ainda ninguém teve alegrias nem trabalhos com elas. Por meu lado prefiro-as quanto mais novas melhor, porque tanto mais cedo posso começar a modelá-las à minha maneira, e tanto mais longe posso levar essa educação, para o que não preciso de baptismo nem o quero». Foi então que a mulher se convenceu que nada mais o demoveria da sua ideia, e radicou-se nela cada vez mais o pensamento de que este era o único que não se deixa enganar.

(CONTINUA)

TERMINA

no dia 30 do corrente o prazo de inscrição para os produtores de figo que desejem receber gratuitamente tampas para câmaras de expurgo, as quais serão distribuídas pelos Grêmios da Lavoura do Algarve.

Notícias Pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Maio:
Em 10, o menino António Jorge Fernandes Libano da Trindade, residente em Lisboa.
Em 12, o menino Vicélio Manuel Oliveira e Sousa.
13, a menina Maria Suzete Guerreiro Marum.
Em 15, o sr. Sebastião Martins Seruca.
Em 16, o menino Joaquim Sant'Ana Fernandes.
Em 17, o menino Ricardino Cecília Limas Gomes.
Em 18, o sr. Luis Filipe Pilar da Silva Ricardo.
Em 19, a menina Maria de Fátima Carrilho Cavaco Córiss Graça.
Em 20, a menina Maria Madalena Pinto Farrajota.
Em 21, as sr.^{as} D. Maria do Carmo Salgadinho, D. Maria Cândida Gonçalves Oliveira Jerônimo Guerreiro, o sr. Armando José Mendonça Filho e o menino Ricardo Luis Biebertnicht Rocheta, a menina Maria Manuela Lopes Próspero.

PARTIDAS E CHEGADAS

A prestar serviço interinamente, na Agência do Banco Nacional Ultramarino em Tavira, encontra-se naquela cidade o nosso prezado amigo e colaborador sr. Raul Rafael Pinto, dinâmico gerente da Agência de Loulé daquele importante estabelecimento de crédito.

Desempenhando idênticas funções na Agência do B. N. U. na nossa vila, está entre nós o sr. Miguel Fortuna, gerente da Agência do mesmo Banco em Tavira.

Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Maria Antero do Nascimento de Sousa, esteve entre nós o sr. Adelino Viegas de Sousa, Sub-Chefe da P. V. T. e nosso prezado assinante em Lisboa.
— Regressou de Lisboa, onde esteve em casa de sua família alguns meses, a sr.^a D. Alda da Ponte, nossa assinante e chefe dos C. T. T. aposentada.

GENTE NOVA

No pretérito dia 6, na sua residência em Castro Verde, teve a sua «delivrance», dando à luz uma linda menina a quem foi dado o nome de Maria Teresa, a sr.^a D. Maria Amélia Cortes Nobre, esposa do abastado proprietário sr. Manuel Luis Martins Nobre, cunhado do sr. Dr. António Joaquim de Almeida, nosso prezado amigo e chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Loulé.

Também teve o seu bom sucesso, dando à luz, no passado dia 7, no Hospital de Faro, um robusto menino, a sr.^a D. Maria Adelaide Pontes Coelho, esposa do nosso prezado conterrâneo, residente naquela cidade, sr. Jaime Gualdino Coelho.

Aos felizes pais com os nossos parabéns, votos de longa vida para os recém-nascidos.

CASAMENTOS

Na capela do Barranco do Velho, realizou-se, no passado dia 27 de Abril, a cerimónia do casamento do sr. Manuel Lourenço Farias, filho do sr. Francisco Martins Farias e da sr.^a D. Maria Rita dos Santos, residentes em Querença, com a sr.^a D. Maria Pereira Felicidade, preñada filha do sr. Manuel Pereira Felicidade e da sr.^a D. Maria Pereira Felicidade residentes no Barranco do Velho.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, o sr. Manuel Pereira Viegas, industrial em Lisboa e o sr. José Joaquim Contreiras, industrial em Faro, e pela noiva, a sr.^a D. Albertina Rosa Viegas, residente em Lisboa e a sr.^a D. Hermengarda Lopes, residente no Barranco do Velho.

Após a cerimónia, foi servido um finíssimo e lauto «copo de água» em casa dos pais da noiva aos numerosos convidados, entre os quais se contavam várias famílias de Loulé.

Ao novo casal endereçamos os nossos parabéns, com votos de uma vida conjugal cheia de felicidade.

Louletanos!

A Cantina Escolar de Loulé, que tão benemerentes serviços tem prestado à população escolar da nossa terra, carece urgentemente do vosso auxílio! Ajudai a mante-la!

Turistas em Portugal

CERCA de 250 mil, eis o elevado número de estrangeiros que, segundo o Boletim mensal do Instituto Nacional de Estatística informa, visitaram Portugal de Janeiro a Setembro do ano findo.

Representantes das mais diversas nacionalidades se incluem nesse número, atestando o interesse universal pelo nosso País. Foram porém, os franceses que ocuparam o primeiro lugar, com 78 819 viajantes, seguidos por norte-americanos (40.086), espanhóis (27.865), ingleses (26.202) brasileiros (10.756), holandeses (3.663) e suíços (2.307), egípcios (156), chineses 56, gibraltinos 54, librianos 35, vietnamenses 13, etc.

Uma nota a considerar: a maioria dos nossos hóspedes, principalmente os naturais dos países nórdicos, escolheu o Inverno para os seus passeios, dada a amenidade do nosso clima.

O interesse manifestado pelos estrangeiros, escolhendo Portugal para estação de repouso, vem demonstrar como ganha volume, além fronteiras, a paz que se disfruta no nosso País.

Apelo aos louletanos

(Continuação da 1.ª página)

às palavras do professor e apenas às suas palavras! Nada lhes embarga a aprendizagem, porque não sabem o que é a fome, exigente e arreliadora... Talvez que, sentindo-a alguma vez, compreendessem por que razão os conciditulos, às vezes, não acertam os problemas e se atizam nos ditados, e, outras fazem tudo bem. E lembrar-se-iam, até, de pedir, em casa, qualquer coisa para os companheiros da classe. Vossos filhos não compreendem, mas vós, decerto, já me percebestes.

Louletanos: a Cantina Escolar precisa de vós, das vossas dádivas. Podeis oferecer tudo o que quiserdes: dinheiro, géneros alimentícios, lenha, etc. Estou convencida que não a tendes já auxiliado porque nada vos pediram. Enganar-me-ei? E-pero que não me desiludam...

A Cantina precisa de sócios, muitos sócios e dádivas para poder manter-se. Tem apenas uns míseros escudos que não chegarão sequer para a compra dos géneros de mercadoria dum mês. E o resto? E os outros meses? Confiamos em vós. Não ides, por certo, deixar sem alimento algumas das crianças da querida e orgulhosa vila de Loulé.

O. M. C.

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL



EM prosseguimento do Torneio Popular de Futebol de Loulé, realizou-se no passado Domingo, dia 28, mais uma jornada no Estádio Campina.

O primeiro desafio—Barreiras Brancas-Campinense, foi ganho por este último por 5 0.

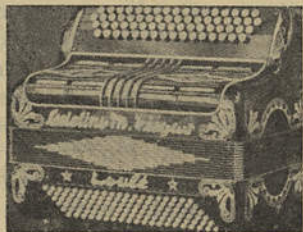
No segundo jogo, Almancil Atlético, assistiu-se à derrota do grupo de Almancil por 3 0.

Em virtude da Festa da N. S. Piedade no dia 5 não se efectuaram jogos nessa data, ficando adiados para domingo, dia 12.

Neste dia realizar-se-ão 3 desafios, com a duração de 60 minutos cada: «Leões»-Atlético; Barreiras Brancas-Unidos, e Almancil-Ponto Azul.

Classificação actual

Clubes	J	V	E	D	P
Campinense	3	2	1	—	5
Atlético	2	2	—	—	4
Barreiras Br.	3	2	—	1	4
Ponto Azul	2	1	—	1	2
Unidos	2	—	1	1	1
Leões	2	—	—	2	0
Almancil	2	—	—	2	0



Em Loulé já se fabricam HARMONIOS

Embora pareça à primeira vista uma simples frase publicitária, não é assim e... podemos garantir aos nossos leitores que de facto há em Loulé um fabricante de harmónios cuja técnica e habilidade lhe permitem apresentar modelos de linhas modernas e sonoridade primorosa.

Chama-se Adelino Mendes Viegas este hábil artífice louletano. Das suas mãos pacientes (os leitores já verificaram a quantidade e complexidade de peças que entram na confecção de um harmónio?) já saíram quatro destes melodiosos instrumentos. O último lá está em exposição, na mostra da sua oficina no Largo da Graça, atraindo a atenção pela beleza das suas linhas, a harmonia das cores, o acabamento impecável.



Viva com
GAZCIDLA

onde quer que viva

O combustível ideal para o seu lar

Consulte o Agente em Loulé:

EDUARDO CORREIA

Telefone 82

A propósito de arte...

(Continuação da 1.ª página)

—uma febre a 360° graus centígrados de pintar, sem olhar a quem...

Todos os domingos, de manhã cedo, o nosso Picassinho, sobrando a tela, o cavalete, os pincéis e as tintas, sacrificando o sono, se punha a caminhar para Galamares, Sintra, ou redondezas, para pintar, aproveitando o domingo que Deus lhe concedera... para descansar.

Era de facto um sacrifício subir tão frondosas encostas para pintar... Ainda se ao menos ele se limitasse a olhar essa Sintra de Byron...

Certa manhã um salão de Galamares, de suíças e barrete (como nós, os dos anátemas, perante a arte moderna), perguntou, ao pintor, se seria capaz de pintar o retrato de seu pai.

Claro que o rapaz dos pincéis não se fez rogado. Era uma oportunidade única de pintar fôsse o que fôsse...

O salão, cónscio das responsabilidades em que o «Picasso» incorria, ainda lhe fez sentir medindo a responsabilidade que tal facto representava para a arte moderna;—Mas olhe que meu pai já morreu há 10 anos feitos—Não tem importância, objectou o pintor, você dá-me os apontamentos do velhote, e a coisa arranja-se.

Bem, disse o salão, saudoso dum quadro, para a sala, com o velho pai, o meu velhote era um homem assim como eu; fazia a barba de oito em oito dias; fumava tabaco «Duques»; teve beixigas em pequenino, ficando assim a modo com umas malhas; andou à da mestra, mas não sabia ler, etc, etc.

Passados oito dias, no outro domingo seguinte, manhã cedo, no mesmo sítio de Galamares, o salão procurou o artista, indo encontrá-lo a pintar não sei o quê... qualquer coisa que o homem de Galamares não conhecia, a despeito de lhe terem nascido os dentes naquele local e abrir ao

máximo os olhos conhecedores a fundo daquelas redondezas. Mas, enfim, talvez fosse um caso muito igual ao meu, do que o senhor diz:...só estudando e procurando compreender, deixará a sensibilidade do crítico (ou do simples curioso) de ser condicionada por conceitos limitadores, etc.

Mas o salão não perdeu as esperanças (há pintores que na paisagem não dão nada e na figura são exímios), e perguntou:—Então mestre, temos a nossa obra feita?

—Prontinha, respondeu o «artista».

—Vamos lá ver essa coisa... E recebendo o quadro das mãos do autor, olhou-o bem de frente sem conseguir reconhecer o pai. Depois, virou-o de pernas ao ar (às vezes os modernistas não têm pés nem cabeça...), e nada!

Tornou a virá-lo do lado direito, depois do lado esquerdo e nada. Por fim, (a saudade filial de 10 anos...) virou o quadro do lado oposto. Talvez que em geito de radiografia...Mas, não, nada e nada!

Por último, intrigado de todo, virou-se para o pintor e perguntou —Mas este é que é o meu pai?!

—Esse mesmo, respondeu o retratista, seguro da sua arte.

O salão não conteve as lágrimas e exclamou: —Elna, pá, o que os bichos fazem à gente depois de mortos...

E a terminar como moral desta anedota, que não é minha é de André Brun, não me venha dizer o senhor Valdemar Andrade que o salão era tão estúpido que fosse capaz de reconhecer o pai em piores circunstâncias que o pintor que nunca o vira...

Se tiver controvérsia a opor a este escrito, atencioso para com as suas anotações, dirija-se ao pintor e ao salão.

Eu posso dizer-lhe quem eles são...

Faro, 3-V-1957

Atenciosamente
António Augusto Santos

MODERNIZE OS SEUS IMPRESSOS

Confiança a sua execução à

Gráfica Louletana

Telefone 216 — LOULÉ

O combate à mosca

Do sr. Dr. Cupertino Costa, distinto subdelegado de saúde no concelho recebemos um officio em que chama a nossa atenção para a vantagem que haveria em tomar providências para a erradicação da «mosca» que representa um constante perigo para a saúde pública.

Quis Sua Ex.^a juntar a este officio, um folheto da Direcção Geral de Saúde onde entre outras explicações lemos as seguintes:

Não se nega que o D. D. T. e o Gamezane matem moscas, enquanto estas não criarem resistência ao insecticida, é mesmo possível que surjam novos preparados e métodos de aplicação mais energéticos. Nada impede que cada qual utilize o processo, para seu benefício pessoal, mas que se não pegue ao Estado, a generalização sistemática e dispendiosa de uma campanha, utilizando somente métodos que sabemos não condizerem, por si só, a uma erradicação do insecto, com desprezo de outros já clássicos e cuja eficiência é inegável. Não basta matar moscas, é preciso extirminá-las e para isso temos que assentar como moção fundamental em que a luta contra o insecto adulto é por si só improfícua — o que conta numa

verdadeira campanha extermínio, segundo os conhecimentos actuais, é ainda a acção sobre os locais que servem para a sua criação, isto é, a luta anti-larvar.

Esse insecto altamente daninho, como propagador de doenças e ainda tenaz e persistente causa da incómoda, continua a ser um índice de insalubridade. A sua presença indica proximidade de esterco e impundície à qual a sua vida está intimamente associada, porque é aí que se reproduz e onde os seus ovos encontram a temperatura ótima para se desenvolverem e as larvas o alimento de que carecem. São esses os verdadeiros locais do combate e a Higiene há muito tempo que marcou as suas directrizes.



Não se interrogue

Sempre que necessite de trabalhos tipográficos em qualquer género, deve confiá-los à **Gráfica Louletana — Loulé**

Máquinas modernas
Tipos novos e elegantes
Meticulosa execução



Cantinho DAS Leitoras

CONSELHO

Todas as pessoas devem reconhecer o valor dos outros, e quando surge qualquer observação, deve ser feita dum certo modo de forma que não vá humilhar a pessoa atingida, para que não surja a indignação e a revolta.

PASTÉIS DE FEIJÃO

Amêndoa moída, 150 gr.; açúcar, 300 gr.; feijão branco, 150 g. Cosa o feijão branco e passe-o pelo passe-vite. Ponha o açúcar a fazer o ponto de pasta. Junte, depois, a amêndoa e o feijão, e deixe ferver até conseguir «fazer estrada» no fundo do tacho. Tire do lume e adicione cinco gemas de ovos. Ponha novamente ao lume, para engrossar.

A massa para as formas faz-se da seguinte maneira:

Uma colherinha de vinagre; uma colherinha de azeite; quatro colheres de sopa de farinha flor; uma colher de sopa de manteiga; um ovo e sal q. b. diluído num pouco de água. Amassar e tender com o rolo o mais fino possível. Forrar formas pequenas e deitar dentro o recheio. Vai ao forno brando a cozer a massa. Deixe alourar bem.

GRACIOSOS

Açúcar pilé 125 gr.; farinha 250 gr.; uma colher de chá de fermento inglês; 1 decilitro de leite e 100 gr. de manteiga. Envolva-se tudo, amassa-se e tende-se em bolinhos; vão ao forno em tabuleiro untado de farinha.

OVOS MOLES (CREME)

Leve ao lume 350 gramas de açúcar pilé com duas chavenas de água e deixe chegar a ponto de massa.

Bata numa tigela oito gemas e três claras, junte o batido ao açúcar e leve a lume brando (vê-se o fundo quando está a mexer); considere-se pronto. Retire do lume e sirva em taças.

CONSELHOS ÚTEIS

Abra bem as janelas de sua casa pela manhã, para que o ar se renove completamente, mesmo nos dias de frio. Nada existe de pior para a saúde do que uma casa com ar viciado, ou confinado.

Basta meia casca de ovo com um furinho para servir como funil, quando tiver de encher garrafas de gargalo estreito, seja com que líquido for. É um método prático e que pode ser usado por qualquer dona de casa.

As luvas de borracha dos seus trabalhos caseiros duram muito mais tempo se lhes deitar um pouco de pó de talco, mesmo quando as não usa.

No interior da sua chaleira formou-se um depósito que poderá tirar facilmente, esfregando com sal grosso; enxágue bem em seguida.

Maria da Graça

Campanha de luta contra a febre catarral dos ovinos (Lingua azul)

AVISO

COM o pedido de publicação, recebemos do sr. Veterinário Municipal, o seguinte comunicado:

AJ—O prazo fixado na alínea 4.ª do despacho ministerial de 19 de Janeiro de 1957, relativo à proibição de trânsito dos ovinos que não tenham sido vacinados contra a febre catarral dos ovinos (Lingua Azul) foi prorrogado para 15 de Maio;

(Continuação na 3.ª página)

PROPRIEDADE

Vende-se, na Campina de Cima, com oliveiras, figueiras e terra de semear. Tratar com Joaquim de Sousa Calço—Cruz da Asomada—Loulé.